



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**
Relação e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. telegr. Talha—Lisboa—2.º—Telefone:
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

EVOLUÇÃO

Lembra-se há dias um jornal de interrogar o sr. Teófilo Braga sobre a transformação das instituições sociais; e logo aquele senhor anunciou a falência do socialismo, afirmando que o mundo, longe de avançar politicamente, adoptará até fórmulas já caducas e há muito abandonadas. Observadores constantes dos fenómenos sociais, temos nós chegado a conclusões inteiramente opostas, e não sabemos de que estranhos pontos poderia o sr. Teófilo Braga ter sacado o fundamento dos pareceres que expôs. Certo é, contudo, que não é esta a primeira vez que alguém se lembra de proclamar a falência do socialismo, precisamente numa época em que o socialismo se mostra um polo de atracção poderosíssimo, precisamente num momento em que as decrepitas instituições burguesas, abatidas até aos alicerces, mais próximas se mostram da ruína.

O socialismo, o sindicalismo, caracterizam sistemas político-económicos que não tiveram por enquanto a sua consagração prática, o que só acontecerá quando os trabalhadores, irmanados por uma mesma aspiração, fortes na sua união, invencíveis na sua fé, fizerem ruir de vez os privilégios burgueses. Mas por socialismo o sindicalismo entende-se também o movimento evolutivo que a pouco e pouco, constantemente, modifica e transforma o ambiente político das nações, tornando as leis mais humanas, suavizando a existência dos trabalhadores, enfraquecendo a tirania, diminuindo a pressão que o regime capitalista exerce sobre as suas vítimas.

Ora este movimento evolutivo, que data de sempre e nunca deixou de operar-se, observa-se actualmente com uma intensidade maior que nunca. Logo, o socialismo vive, fortalece-se, e, de nenhum modo pode considerar-se em falência. Mais: se a evolução social é de natureza socialista, o objectivo a atingir mais tarde ou mais cedo de natureza socialista será igualmente. E que é, pois, que está em falência? As instituições burguesas que terão de ceder o passo ao socialismo. Este é que é o produto duma observação sumária e dum raciocínio simplíssimo.

Não são apenas certos exploradores burgueses os que se mostram enganados sobre a situação política do mundo, no actual momento. Pessoas cultas há também que, por lamentável *parti-pris* ou por qualquer outra razão, se mostram insuficientemente ou erroneamente orientadas. A essas pessoas colhi-las há de surpresa a revolução social. O carunchinho minou já o esqueleto do velho edifício capitalista, e a derrocada tornou-se absolutamente fatal. Quão grande não será o espanto das criaturas que teimam em supor sólido e duradouro o que está decadente e carcomido!

Todavia, é fácil, apereber-se, quem não for ou não quiser ser cego, da constante marcha, dia a dia mais acelerada, para as novas instituições das sociedades livres. Os organismos sindicais—e é preciso não restringir a observação aos estreitos limites dum país, alargando-a antes a toda a vasta superfície do mundo civilizado—os organismos sindicais de dia para dia mais se fortalecem, pelo crescer constante de filiados; a legislação admite a todo o momento princípios ainda pouco antes condenados, forçada a continuas transigências pelas pressões imensas que as massas operárias organizadas exercem já; seja qual for o aspecto por que olharemos o movimento social, o seja qual for o grupo de fenómenos considerados, em tudo é fatal que encontremos a vitalidade do socialismo, a sua força indomitável, o seu engrandecimento incessante.

Como pode, pois, proclamar-se que o socialismo falir, quando os factos atestam precisamente o contrário? Nós veremos que essa falência se confundirá com um triunfo no dia próximo em que o regime burguês se desconjuntar finalmente, mercê dum derradeiro esforço dos escravos.

UMA MONSTRUOSIDADE JURÍDICA

Brados de alma

«TENHO SEIS FILHOS DE QUEM HÁ LONGO TEMPO ESTOU SEPARADO E QUE CHORAM A MINHA AUSÊNCIA. POIS QUE AS LÁGRIMAS DESSAS SEIS CRIANÇAS CAÍAM NAS VOSSAS CONSCIÊNCIAS!»

A cena passada após a leitura da sentença que condenava os trabalhadores rurais de Évora, é daquelas que nunca mais esqueceremos, perdurando no espírito de todos aqueles que desde o princípio do julgamento seguiram com atenção todas as suas fases e previam, dia a dia, pelo seu desenrolar, um resultado muito diferente do que tam estranhamente surgiu.

Toda a gente sabia da inocência dos acusados; toda a gente conhecia os motivos que levaram aqueles homens à cadeia e a sua consequente e acinosa acusação, e, portanto, convencida estava de que no tribunal fosse feita justiça e desmascarado todo o tenebroso plano inventado para privar de liberdade os indivíduos que aos ricos proprietários da localidade não convinha que ali permanecessem.

De facto fez-se, no plano foi posto a descoberto, todos os tramas preparadas caíram como por encanto, pois a defesa, representada pelo nosso amigo dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da C. G. T., conseguiu, dum maneira insuspeitável, aclarar as situações dúbias que porventura possedes subsistir, para o que contribuíram poderosamente os elementos das testemunhas de acusação e defesa, apesar de, desde a preparação do processo, ter reconhecido a insubsistência das afirmações das partes acusadoras.

Fez-se luz, é certo, e aqueles que assistiam sem intuídos reservados também o notaram, também viram a ardilosa perseguição, e, em suas consciências, deram o seu veredicto, que era a absolvição de todos os réus. Mas justiça não se fez, porque o ódio daquelas criaturas era grande e a vingança tinha que persistir.

Até mesmo o aspecto da sala do tribunal naquela noite fatídica, tinha toda a semelhança com um tribunal de Santo Ofício.

A falta de energia eléctrica, foram colocadas, aqui e ali, velas de esteira. Uma luz mortícia, velada, não conseguia deixar-nos ver as pessoas que ali se encontravam desde manhã, vivendo séculos naquelas horas de expectativa, enquanto o júri deliberava sobre a sorte dos 31 homens, distinguindo-se apenas as silhuetas dos guardas republicanos, que se faziam salientar pelos reflexos da tênue claridade nos seus alvos nas espingardas que empunhavam. Falava-se baixo, discutia-se a meia-voz, sobre as decisões do júri; aventavam-se hipóteses, as probabilidades de desfechos, mas, em geral, todos opinavam que a justiça sairia limpa, que os inocentes voltariam ao seu labor, para junto dos seus filhinhos, das suas companheiras, com os nobres lares de há muito invadidos pela miséria, pela longa ausência do braço amigal.

Era um quadro bem negro, aquele. Parecia que qualquer coisa de grave estava a acontecer.

que ora se apegava a *A Batalha*? Não sabemos nem podemos preocupar-nos longamente com isso. E' inútil registrar que não tem este jornal variadas fontes de recitação com que outros podem contar. *A Batalha* não insere comunicações largamente pagas, não tem inalação, numa palavra. Vem da venda dos seus exemplares, ao público e da dedicação do operariado. Os poucos anúncios que publica dão-lhe dez réis de mel coado em que nem vale a pena falar. De forma que, em tais circunstâncias, só o aumento do custo do exemplar pode salvá-la. Pezamos bem a questão antes de tomar uma tal resolução. Mas não vimos outro caminho honesto a trilhar. Por isso, o preço da *Batalha* passará a ser de cinco centavos do próximo domingo em diante. Confiamos que o operariado continuará a dispensar-nos aquela solidariedade que até hoje tam exuberante se tem manifestado.

SOMA E SEQUE...

«A Batalha» novamente impedida de circular

A publicação da *Batalha* foi ontem novamente obstaculizada pela polícia. Porquê? Sabe-se lá... Porque o governo assim o determinou. Já se sabe que a vontade governamental supera actualmente a lei, o direito, as garantias. Terão todavia os nossos leitores curiosidade de saber o que teríamos dito ontem para assim conciliarmos as fúrias policiais. Dissemos com singular moderação o que os assuntos do dia suscitaram. Falamos uma linguagem serena, correcta, a nossa costumada linguagem. A polícia entendeu, porém, que exorbitamos, e não deixou que o jornal circulasse. Creemos mesmo que a apreensão estava resolvida antes mesmo de estar redigido o jornal. De modo que a série de perseguições e violências parece interminável. Quasque tantos

O JULGAMENTO DOS MINEIROS DE S. PEDRO DA COVA

Nada se prova contra os acusados—Todavia, o júri, manifestando uma criminosa parcialidade, quer condená-los a pena maior—O juiz, indignado com a infâmia, dá a decisão do júri por iníqua

A opinião pública

PORTO, 3.—Depois de tantos e preparados adiamentos, que pareciam eternizar-se, mercê duma organização secreta estabelecida pelos lavradores reaccionários de S. Pedro da Cova, sempre principiou no dia 31 p. p., o julgamento dos mineiros António Martins, Joaquim de Almeida França e António Martins Ferreira, três criaturas de que os monárquicos-sidonistas do lugar acima referido pretendiam ver-se livres, conseguindo a sua deportação para a África. Essas vítimas eram acusadas pelos lavradores em referência, —que para o triunfo da sua magnífica perseguição abriram os seus cofres,—de promoverem, em 5 de Dezembro de 1917, com outros indivíduos de ambos os sexos, vários assaltos, invadindo a casa de diversos lavradores. Para agravamento do processo, pois era necessária a condenação dos perseguidos, também de haverem instigado os operários mineiros à greve, cortando o cabotagem da poderosa Companhia mineira de S. Pedro.

As testemunhas de acusação nada provam contra os arguidos

A primeira audiência, presidida pelo dr. sr. Castro Sola, efectou-se na segunda-feira. O acusador particular foi o dr. sr. Menda de Abreu e o defensor dos *terríveis* criminosos o dr. sr. Bernardo Lucas.

Como a questão dos mineiros há muito venha prendendo as atenções da organização local e, portanto, do proletariado citadino, a sala do tribunal estava repleta de ouvintes, ansiosos por conhecerem o desfecho do drama, fraternalmente arquitetado nos meandros jesuíticos dos monárquicos arrogantes.

Como prevenção contra a assistência operária, nos claustros permaneceu uma bem armada força da guarda republicana.

Depuseram, nesta audiência, 18 testemunhas de acusação, muitas das quais lavradores, que odiavam rancorosamente os réus. Isto é, estes lavradores pertenciam ao embriço da associação secreta.

Apesar de tudo, apesar dos ensaios anteriores, as testemunhas de acusação caíram em diferentes contradições; não foram claras nas suas exposições e demonstraram, através dos seus depoimentos, que havia apenas um propósito assente em perder os mineiros perseguidos. Contudo, reconheceram que, nos assaltos toda a gente levava géneros e objectos, menos os acusados, os quais, segundo aquelas mesmas testemunhas, andaram sempre juntos na sua acção.

A falsidade do trama tirou o vigor à acusação

A segunda audiência realizou-se no dia 1, com a mesma, se não maior, concorrência de operários. As testemunhas de defesa, abandonando o bom comportamento dos acusados, facilmente destruíram os argumentos das testemunhas de acusação. Depois da inquirição dos testemunhas de defesa, toda a gente ficou convicta—incluído até a força de prevenção—de que se tratava de um ardil, de um trama indecente e revoltante. Assim o entendeu o delegado do ministério público, sr. Américo Claro, e o próprio advogado-acusador particular, Rogério Ruiz Vileiro, se encontraram incommutáveis no cárcere por ter declarado que não sabia manejar o garrote e por ter-se, além disso, comprometido por tratar de ausentar-se da povoação.

O facto comprovou-se depois e soube-se que, com efeito, o carrasco de distrito se tinha recusado terminantemente a executar os quatro réus e que por isso tinha sido preso.

O carrasco desta capital foi nomeado há cinco meses, mas até agora não teve necessidade de prestar serviço.

Foi nomeado oficialmente para a execução da sentença o carrasco do distrito de Burgos.

Hoje foi reforçada a guarda exterior do cárcere, o que fez supor estar próxima a execução, apesar de ao meio dia ainda não tinha sido notificada ao alcaide, conforme é costume, para que indicasse dois habitantes para que assistissem como testemunhas da execução.

Disse-se também que no caso que o carrasco de Burgos não viesse, seriam os quatro réus fuzilados na segunda ou terça-feira.

Federação Portuguesa dos Empregados do Comércio

A F. P. E. C. (Junta executiva da zona sul) comunica a todos os sindicatos de empregados do comércio que acaba de ser proclamada, no Porto, a greve geral da classe. Apelo para o espírito de solidariedade que deve unir todos os empregados do comércio, lembra-lhes a necessidade de entre todos os seus associados fazerem a máxima propaganda no sentido de nenhum colega do Porto, que se lançaram na luta pela conquista de melhoria de situação económica. Assim que tenham conhecimento desta nota devem, também, telegrafar para a Junta Norte da Federação enviando-lhe o seu apoio moral e se possível for material. Que todos os empregados do comércio saibam cumprir o seu dever, é o que espera a Junta executiva da zona sul da Federação Portuguesa dos Empregados do Comércio.

Confederação Geral do Trabalho

Realizou-se anteontem a segunda reunião do Conselho Confederal

Effectuou-se anteontem a segunda reunião do Conselho Confederal, com a presença de quasi todos os delegados.

Antes da ordem, Júlio Luís diz que seria vantajoso que as reuniões se realizassem de dia, pois os delegados de fora de Lisboa estão por vezes impossibilitados de comparecer, enviando nesse sentido uma moção para a mesa.

Sobre o assunto há larga discussão, sendo por fim renovada.

Foi lido o ofício do camarada Alexandre Vieira, justificando a sua falta, por ter de ausentar-se por alguns dias.

Prosegue a discussão da situação de «A Batalha»

Entrando-se na ordem dos trabalhos, usa da palavra o camarada Alfredo Marques; refere-se à moção de Carlos de Araújo, louvando-lhe as intenções, mas entende que as obrigações de \$50 não satisfazem de pronto, achando mais razoável que os sindicatos contribuíram directamente dos seus cofres para *A Batalha*, apresentando o seguinte aditamento a essa moção:

«Proponho que a C. G. T. faça um aditamento a fim de estes se cobrem os respectivos sindicatos».

M. J. de Sousa diz que o papel vai ser elevado para \$20, havendo a ameaça de muito em breve subir para \$300 e que mesmo aumentando o preço do jornal o déficite ainda subsistirá, tendo, para elucidação, uma nota de receita e despesa fornecida pela administração. Continuando, diz que tendo em consideração o desenvolvimento que está indicado a C. G. T., a cota confederal é insuficiente, tendo, portanto, de aumentar-se no sentido de atender não só as despesas confederais como também para garantir a estabilidade de *A Batalha*.

Júlio Luís, depois de vários esclarecimentos e de a justificar largamente, apresenta a seguinte moção:

«Considerando que o assunto em discussão é dos que não só merecem o interesse deste conselho, como a atenção de todos os trabalhadores, e, por esse facto aceitáveis todos os alvíteiros que tendam a melhorar as condições económicas do nosso órgão».

Mas considerando também que o segundo número da moção que se discute, não resolve, com a eficácia desejada, a situação monetária embarracada de *A Batalha*, por já existir a cotização voluntária e imputável por \$5 mensais por sindicatos, diminuindo por isto a procura das indicadas obrigações».

considerando ainda que os sindicatos tem particular vantagem na manutenção deste jornal, por ser ele o maior festival de todos os seus comunicados, bem como paladino defensor do princípio associativo da Revolução Social, e, portanto, por já existir a cotização voluntária e imputável por \$5 mensais por sindicatos, diminuindo por isto a procura das indicadas obrigações».

1.º Convidar e fazer o possível para que os sindicatos contribuam do seu cofre em benefício de *A Batalha*, com \$2 mensais e por cada sócio. Esta resolução é independente da que se tem para efectivar um grande protesto contra a acinosa perseguição e vexatória censura de quem sendo ilegalmente vítima o órgão da C. G. T.

2.º A contribuição anterior manter-se há por tanto tempo quanto durarem as necessidades constatadas, terminando quando este Conselho, por informação do Comité, julgar conveniente.

Nomear uma comissão de 8 membros que dará execução a estas resoluções e a outras que se referem a questões pro *Batalha*.

NOTAS & COMENTÁRIOS

«El Sol» *El Sol* é um jornal espanhol com informação de todo o mundo, o que não obsta a que de quando em quando meta o seu artigo venenoso, logo traduzido em português pelo *El Sol* da terra. O último número que chegou a esta redacção, apresenta um artigo de fundo, do qual se depreende que o movimento operário mundial falhou.

Mas... percorrendo as numerosas do mesmo jornal vimos em cada uma delas agitação constante não só em Espanha como em todo o mundo.

Florinhas da rua A senhora condessa de Silves, cuja bondade de coração não pomos em dúvida, acompanhada de mais damas ricas, propôs-se evitar um defeito social. Querem recolher raparigas, separá-las de ambientes impuros, torná-las mulheres honestas. Tanta monta que elas venham do vício como da prostituição, do jogo como do roubo. E' bella a cruzada, mas dum beleza estéril. Porque, damas ricas e senhoras aristocráticas, o mal delas, dessas florinhas da rua, que tanto vos comovem e tanto vos revoltam é talvez não o acreditado—a própria acumulação do superfluo das suas protectoras—dinheiro e educação. Não é com a dádiva de meia dúzia de contos, tirados dum capital de milhões e milhões de escudos que as florinhas da rua desaparecerão. Enquanto houver fortunas e protectoras haverá sempre florinhas desprotegidas.

A vossa caridade é como se estivesse lançando num saco roto, pingue, pingue, uns atrás de outros, os contos da vossa sentimentalidade!

Humanizam-se...

Lloyd George teve a primeira entrevista com o delegado russo.

LONDRES, 2.—O sr. Krassine já teve nesta cidade a sua primeira entrevista com Lloyd George para discutir o tratamento de relações comerciais entre a Rússia e a Inglaterra.—H.

José Júlio da Costa

O julgamento de José Júlio da Costa foi marcado para o dia 30 do corrente.

Força das circunstâncias

Cinco centavos

Será este o preço de «A Batalha», a partir do próximo domingo

C. G. T.

Comissão Pró-Liberdade de Imprensa

Reuniu ontem esta comissão, eleita na última assembleia do Conselho Confederal, tomando conhecimento de todas as violências que, por parte do governo, veem sendo exercidas para com *A Batalha* e outros jornais, salientando-se o regime de censura prévia a que está sujeito o órgão da C. G. T.

Entre outras resoluções de carácter reservado, deliberou levar à prática no mais curto prazo de tempo possível, um movimento de protesto nacional, fazendo interessar nele toda a classe trabalhadora, a fim de que se salve a humana liberdade de expressão de pensamento.

A comissão reúne todas as noites.

Conselho Jurídico

Para um assunto de absoluta urgência, reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Jurídico, com a presença de todos os seus membros.

União dos Sindicatos Operários

Reuniu ontem a comissão administrativa, tratando de vários assuntos referentes à organização sindical, resolvendo o oficial de novo aos camaradas Manipuladores de Borracha, sobre um documento que até a data ainda não foi entregue. Constatou também a série de perseguições que continuam a exercer-se contra alguns militantes e *A Batalha*, e sobre a intolerável infâmia praticada ultimamente no julgamento dos camaradas rurais, em Évora, sendo condenados honestos trabalhadores para satisfação dos reaccionários daquela cidade, promovendo este organismo, uma sessão de protesto, que se realizará no próximo domingo, pelas 21 horas, em que se tratará de todos estes atropelos e para o qual são convidadas todas as Federações de Indústria, Sindicatos Únicos e Sindicatos isolados, resolução esta que também foi aprovada pelo Conselho Confederal da Confederação Geral do Trabalho. Ficou também assente que a posse à nova comissão administrativa, seja conferida na próxima segunda-feira, pelas 21 horas.

Indústria Mobiliária

A comissão organizadora d'este Congresso, nomeada na última assemblea do Sindicato Unico Mobiliário, não se

por virtude dos seus completos números, e de alguns dos seus membros, e constatando-se a necessidade da unificação do proletariado mobiliário, resolveu que a sua reunião se realizasse próximo domingo, às 15 horas, para o que não deve faltar nenhuma camarada.

Rendimentos dos operários

Os automóveis da Cruz Vermelha condiziram anteontem no hospital de S. José, Francisco Ferreira, de 61 anos, descregado, solteiro, natural de Vizeu e residente ao Beco do Espirito Santo, 8, 2.º, que, estando a descarregar muito material, foi atingido por uma das rodas da sua camioneta, tendo sido ferido na cabeça e no braço direito, tendo sido levado para o hospital de S. José Antonio. Ferreira é casado, com uma filha e residente na rua Barão Sarralheiro, 32, que foi colhido por um engenho de ferro na oficina de serralharia da firma de S. José Antonio. Ferreira é casado com Soares, ficando ferido no braço direito.

—No banco do hospital de S. José recebeu curativo Luis da Silva, servente do estabelecimento Limitada, na rua do Comendador Rêgo, que na lavanderia do hospital de S. José caiu de um cavalete ficando com várias contusões pelo corpo.

Os automóveis da Cruz Vermelha condiziram no hospital de S. José Antonio, Am

gusto. Seu, de 32 anos, casado com Ana do Carmo, natural de Gouveia, encarregado dos fogueros na estação geradora da Companhia Carris de Lisboa, em Santos, que quando apantava a porca de um parafuso de ferro, ficou com o dedo da mão esquerda a altura de 3 metros, ficando muito contuso pelo corpo, pelo que recolheu em estado grave na enfermaria de Santo Antônio, e Antônio Neto Gomes, de 21 anos, solteiro, marítimo e residente no largo de S. Paulo, 12, 3.º D.º, que caiu a bordo do vapor *Colmba* dos Transportes Marítimos do Estado, atirado de um mastro de 15 metros de altura, ficou contuso pelo corpo. Recolheu à enfermaria de S. Fernando, no hospital da Diocese.

**NICOLAU GOMES
CORREA**

Alfaiate-Mercador

Fornecedor
dos Empregados
dos Caminhos
de Ferro Parana-
guenses, do Sul
e Sueste, da



Caixa dos Ope-
rários da Câma-
ra Municipal de
Lisboa e da Co-
operativa da Fa-
brica de Mате-
rial de Guerra.

Variado sorti-
mento de bin-
fícios para ho-
mens e senho-
ras, padrões da

ALFAIATARIA
Especialidade
em fatos, sobre-
tudos. capos

casacos de senhora já confeccionados, tudo pelos figurinos da moda.

255-Rua dos Fanqueiros-255

O verdadeiro moinho
104 **"AERMOTOR"**

Novo modelo americano, com engrenagem e tirantes duplos, fabricatórios automáticos, resistente com elevação.

Este moinho extrai água a qualquer profundidade, bem como em elevação; podem também ser adaptados para...



força motriz.

Podrá nosso cata-
logo para esclareci-
mento.

Executam-se tra-
lhos de serralaria de
madeira e mecânica, bombas
e encanamentos selecionados
nestes quais fornecemos

**Orgamentos
grátis**

**JUSTO, SANTOS
& THIMOTEU, L.**

Tr. do Rosário, 10-A
(à Praça da Alegria)

Electricidade

Instalações eléctricas de luz,
campainhas, força motriz, pára-
raios, telefones, elevadores, gaz
e água. (134)

Orçamentos grátis

62-B, Rua D. Estefânia, 62-B

Carlos Costa

CLINICA DENTÁRIA
BARROS MARINHAS
Extrações dentes por anestesia espe-
cial. Colocação dentes fixos e com placa

25—Rua da Assunção—25
(Esquina da R. da Prata)

Fundição Tipografica
“A Funtipo,”

P. Gini—Director Técnico
Instalações rápidas para jor-
nais e tipografias de luxo
Escritório e Depósito
R. Nova da Piedade, 60, 2.º-Fl.º
22 Telefone C. — 4329

DE ALCANTARA 70
DE
U VERÍSSIMO
 alcantara, 37
 Livramento, 111 e 113
 novos e usados e toda a qualidade de
 quarto, casa de jantar, escritório e sala.
 010 de desconto aos assinantes de

1894